

“Crise financeira pode levar à repetição de 29”

Caso não seja corrigida com urgência a crise financeira internacional, o mundo entrará num colapso econômico e recessão generalizada, repetindo-se o cenário dos anos da grande recessão de 1929/33, previu Simonsen, ontem, no Rio.

O ex-ministro destacou que o conjunto dos bancos internacionais não pode reduzir seus fluxos de recursos para o conjunto dos países devedores, como vem sendo feito, sob pena de se provocar um processo sucessivo de reescalonamento de dívidas externas, não somente do capital, mas também dos juros. Assim, a crise dos países devedores pode-se espraiar para os bancos dos países credores, atingindo toda a economia mundial. “Seria trágico para a humanidade se não conjurarmos com urgência essa ameaça”, disse Simonsen. Para Simonsen, não está descartada de nenhuma forma uma grave crise internacional. Voltou a reafirmar que não é contra o reescalonamento da dívida por questão de princípio, mas, sim, por pragmatismo. Para se saber se o País deve ou não reescalonar a dívida, segundo Simonsen, deve-se considerar o volume de recursos externos que o Brasil receberia com uma medida e outra. Para ele, a entrada de recursos externos continuaria maior sem o reescalonamento formal da dívida. Afirmou que as dívidas a curto prazo do Brasil são pequenas, cerca de US\$ 8 bilhões. “E vamos continuar a receber muito mais recursos do que esse montante no próximo ano”, disse.

“Além disso, como faríamos para pagar as agências do Banco do Brasil no Exterior, bem como dos demais bancos privados brasileiros, cujo maior devedor hoje é o Banco Central?”, indagou o ministro. “Como então negociar novas linhas de *acceptances*?” Antes de “emocionalismos” na questão da renegociação da dívida externa, acha Simonsen que temos de fazer as contas na ponta do lápis e examinar quais as perspectivas melhores para o País.

Respondendo ao economista Luís Carlos Bresser Pereira, disse que, realmente, a recessão não é o melhor remédio para o ajuste dos desequilíbrios do balanço de pagamentos, mesmo porque esse remédio só apresenta efeito enquanto dura a recessão e ninguém quer viver em recessão permanente. A única solução que Simonsen vislumbra para o País corrigir seu desequilíbrio do ba-

lanço de pagamentos seria permitir que a taxa de câmbio aumente bem mais que os demais preços relativos da economia. “Mas o grande problema das economias indexadas é que elas não permitem essa flexibilidade”, observou. Portanto, afirma Simonsen, “temos de eliminar o excessivo grau de indexação de nossa economia para ajustarmos-nos à crise”.

SUPERÁVIT

Quanto ao aspecto do documento do Conselho Monetário Nacional sobre a necessidade de superávit de US\$ 6 bilhões na balança comercial em 1983, acha Simonsen que não há outra forma, “uma vez que não podemos emitir dólares para financiar nosso déficit”. Afirmou que o documento mostra apenas quanto se pode gastar no próximo ano e não o quanto se quer. Quanto à pergunta sobre se os dólares obtidos no Exterior eram desviados para outros tipos de gastos governamentais, Simonsen disse que essa não era a pergunta correta, mas, sim, a de quanto a taxa de poupança interna do País tinha aumentado graças à poupança externa. E ele podia assegurar que, no período em que fora ministro, de 1974 a 1978, a taxa de poupança interna tinha aumentado.

Sobre o fortalecimento dos órgãos internacionais para pôr fim à crise internacional, apontou Simonsen o seguinte problema: o medo de que a criação de Direitos Especiais de Saque (DES) provocasse excesso de liquidez internacional e, conseqüentemente, novo surto inflacionário. Para evitar isso, estudou-se uma conta de substituição no FMI, em que todos os Bancos Centrais depositariam suas reservas no FMI recebendo cotas de DES equivalentes. Outro problema seria a aceitabilidade dessa moeda universal nos esquemas de trocas e financiamentos, citando o exemplo do ouro, que durou mais de 50 anos como padrão, por uma questão de mera credibilidade.

O terceiro e maior problema para a criação de uma moeda universal que fortalecesse os organismos de créditos internacionais seria, para Simonsen, a perda de poder dos Estados Unidos. Os Estados Unidos não poderiam mais pagar sua dívida externa com dólares e perderiam o imenso poder financeiro que têm hoje sobre o mundo — “Mas quem vai querer pôr o guizo no pescoço do tigre?”, perguntou Simonsen.